

M. CELIA DE ABREU  
MARCOS T. MASETTO

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Câmara Brasileira do Livro, SP

Abreu, Maria Célia de.  
A146p O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos / M.  
8ª ed. Célia de Abreu, Marcos T. Masetto. -- 8ª ed. -- São Paulo : MG Ed.  
Associados, 1990

Bibliografia.

1. Administração de sala de aula 2. Educação superior 3. Interação  
professor-aluno I. Masetto, Marcos Tarcísio, 1937 - II. Título.

86-0463

CDD-378.12  
-378.170282

Índices para catálogo sistemático:

1. Alunos e professores universitários : Relações : Ensino superior 378.12
2. Ensino universitário 378.12
3. Práticas de sala de aula : Ensino superior 378.170282
4. Professores universitários e alunos : Relações : Ensino superior 378.12
5. Relações entre professores e alunos : Ensino superior 378.12
6. Sala de aula : Práticas : Ensino superior 378.170282

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO EM AULA:  
PRÁTICA E PRINCÍPIOS TEÓRICOS

## PLANO DE ENSINO

### I. Qual a Finalidade deste Capítulo?

O professor compromete-se a lecionar uma disciplina numa escola de nível superior. O primeiro passo que lhe ocorre, às vezes, para atender a uma exigência da instituição, mas freqüentemente como medida para ele próprio se organizar, é elaborar um plano para a disciplina. No decorrer do semestre letivo, o professor se pergunta se seu plano pode ou não ser modificado, com que consequência, dentro de que limites, etc.

Neste capítulo, o que pretendemos é abordar alguns pontos que fundamentam a atividade de elaborar um plano de ensino, para que, ao executar essa tarefa na prática, você, professor, se perceba localizado quanto ao que está fazendo, dentro do conjunto de atividades exigidas no ensino superior. A seguir, damos sugestões para a elaboração de um plano.

### II. O que é um Plano de Ensino? Que Papel Cumpre?

Ao se propor a assumir uma disciplina, o professor passa a enfrentar a necessidade de tomar uma série de decisões. Ele precisa decidir, por exemplo, o que pretende que seus alunos aprendam até o término do período letivo; que conteúdo vai tratar em classe, que partes vai deixar de lado, por não serem essenciais; que recursos vai usar para facilitar a aprendizagem dos alunos e torná-la mais significativa; e assim por diante.

O que vai orientar as decisões a serem tomadas pelo professor? Em primeiro lugar, o que ele entende por educação; conforme sua

concepção de educação e de universidade. o professor vai pretender influenciar o processo de aprendizagem dos alunos numa ou noutra direção. Em segundo lugar, sua concepção sobre aprendizagem, bem como seu conhecimento do processo de aprendizagem e sobre as formas mais eficientes de estabelecê-lo em sala de aula; influí, também, sua habilidade em lidar com tais formas. Por último, as decisões vão ser orientadas — e isto é tão óbvio que dispensaria ser mencionado — pela postura do professor diante da área que leciona e pela quantidade e tipo de conhecimentos de que dispõe.

Todo esse conjunto de valores, atitudes, habilidades e conhecimentos pesam nas decisões a serem tomadas. A organização das decisões é concretizada num plano. Um plano de ensino, portanto, é a apresentação, sob forma organizada, do conjunto de decisões tomadas pelo professor em relação à disciplina que se propôs a lecionar. É feito, portanto, antes do curso se iniciar efetivamente; não é, porém, uma linha de ação fechada, inflexível; pelo contrário, deve ir-se adaptando à medida que a interação com os alunos vai ocorrendo, e o *feedback* resultante indica formas alternativas mais eficientes. Nesse sentido, os próprios alunos co-participam, mais ou menos ativamente, das decisões do professor sobre o curso, assim como um mesmo plano, inicialmente elaborado para duas classes diferentes, no correr do ano letivo sofre diferentes adaptações em cada classe, quase que se diferenciando em dois planos.

O plano de ensino organiza as ações do professor numa ordem seqüencial, hierárquica. Para alcançar um objetivo, vários passos precisam ser dados, numa seqüência ordenada, na qual algumas ações precisam ocorrer antes das outras. Há passos que podem ser trocados com outros, sem nenhum prejuízo para o alcance final dos objetivos. Mas há momentos em que isso não ocorre. A ação do professor fica facilitada e, portanto, a aprendizagem dos alunos torna-se mais eficiente, se essas diversas possibilidades de seqüências estão claras.

Retomando: um plano de ensino representa uma organização seqüencial de decisões sobre a ação do professor, visando influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, para que seja mais eficiente; um plano deve ser claro e completo, mas flexível, em função de *feedbacks* advindos da sua própria concretização.

Um plano de ensino preenche uma finalidade adicional, além desta, para o professor: serve como um elemento de comunicação. O professor que se responsabiliza por uma disciplina, comunica-se com chefes de departamento, diretores de faculdade ou outros re-

presentantes da instituição, apresentando-lhes seu plano de ensino. É a forma de mostrar a orientação que dá ao seu trabalho, permitindo uma verificação da adequação entre este e os objetivos da instituição de ensino. É também uma maneira de se evitar duplicação de programações, de se chegar a uma possível integração de disciplinas e de se evitar que alguns conhecimentos essenciais deixem de ser tratados junto aos alunos, por nenhum professor ter se proposto a isso.

Em outra instância, o plano de ensino serve como elemento de comunicação entre professores que lecionem disciplinas afins. A própria elaboração do plano pode ser feita por um conjunto de professores, tornando-se uma experiência muito rica, conforme já tivemos oportunidade de observar várias vezes.

Também com a própria classe o professor estabelecerá comunicação se expuser o plano que elaborou, em que pontos pode ser modificado, etc. Uma visão clara de aonde o professor pretende que os alunos cheguem ao final do curso, bem como dos meios que serão utilizados para isso e dos critérios pelos quais a avaliação será feita, dão aos alunos segurança na sua relação com o professor, bem como permitem aos alunos fornecerem *feedbacks* que possibilitem um aperfeiçoamento do próprio plano de ensino inicial.

Para finalizar, lembremos que as decisões são tomadas sempre; poderão ser tanto mais eficientes quanto mais o professor for consciente das suas razões, das suas conseqüências, das suas limitações.

### III. Há Tipos Diferentes de Plano de Ensino?

Até agora, estivemos falando genericamente em “plano de ensino”, sem nos preocuparmos em explicar que se pode entender por essa expressão planos com diversos níveis de especificidade. Assim, por exemplo, o plano de ensino de uma unidade da universidade (como o Centro de Educação, o Primeiro Ciclo, a Faculdade de Economia) é genérico, amplo, pouco específico; isto é, não entra em detalhes, tais como a bibliografia que o aluno deve ler a cada unidade, o que se espera que realize em cada exercício, etc.; um plano deste tipo, geralmente chamado de plano acadêmico (ou plano de curso, ou plano de faculdade), fica na determinação de orientações gerais, quase que de valores educacionais apenas. Para concretizar tais orientações, pode-se optar por inúmeros caminhos.

Já um plano de disciplina, ou seja, o que o professor pretende para seus alunos durante todo um ano (ou todo um semestre, conforme for o caso) naquela determinada disciplina, entra em detalhes maiores: determina objetivos próprios para sua área de conteúdo; as unidades que compõem o plano de disciplina representam decisões que o professor tomou em relação a todo o conteúdo abrangido por aquela sua disciplina, considerando-as as mais necessárias; as estratégias do curso e as formas de avaliação devem ser coerentes com a própria disciplina e seus objetivos.

Além do plano de disciplina, o professor faz, para cada aula ou agrupamento de duas ou três aulas — que se caracterizam por dar início, andamento e fim a uma unidade de conteúdo — um plano de unidade. Este plano de unidade prevê cada comportamento que se espera do aluno, enquanto objetivo daquela aula; cada atividade, cada exigência, cada produto a ser avaliado e quais os critérios dessa avaliação; todo o material a ser providenciado — e assim por diante. O plano de unidade, portanto, representa as decisões sobre a concretização, no dia a dia de sala de aula, dos objetivos do curso, da Faculdade e da instituição de ensino. É importante que não haja contradições entre essas instâncias; apenas, cada uma vai se tornando cada vez mais específica, em relação à instância anterior.

#### IV. O Professor Participa da Elaboração de Todos os Planos Mencionados no Item Acima?

Ao ler o item anterior, o professor pode ter ficado confuso, pensando: “Não vou fazer outra coisa durante seis meses a fio, se tiver que participar da elaboração de todos esses tipos de plano!” Ou então vai dizer: “Quanto minha escola ainda tem para melhorar! Jamais participei da elaboração de todos esses tipos de plano!”

A resposta para tentar esclarecer essa confusão começa com um “depende”. Depende da organização da instituição de ensino. Entretanto, genérica e idealmente falando, o professor, sozinho ou em pequenas equipes, participa necessariamente da elaboração do plano de disciplina e das unidades. Isto é que vai orientar sua prática cotidiana diante do aluno. Indiretamente( dependendo da instituição, diretamente), participa da elaboração dos planos educacionais mais amplos; de qualquer modo, precisa conhecê-los, seja para que sua disciplina se harmonize com o resto das disciplinas do curso, seja para propor modificações nessas diretrizes mais amplas dadas por um plano acadêmico, plano de curso, da faculdade, ou equivalente.

Como estas anotações se dirigem mais ao professor que cotidianamente se encontra com o aluno, deixamos de lado o plano de curso ou faculdade e vamos tratar apenas daqueles dos quais o professor necessariamente participa: *plano de disciplina e plano de unidade*.

#### V. Como Elaborar um Plano de Disciplina?

O roteiro de plano de disciplina que apresentamos a seguir é um tipo possível, já comprovado por nós como útil e funcional. Entretanto, gostaríamos que você, leitor, considerasse seus itens como indicações, podendo haver modificações na ordem deles, acréscimos, adaptações, conforme as necessidades da instituição de ensino e do próprio professor.

##### Quadro I

##### Roteiro de Plano de Disciplina

PLANO DE DISCIPLINA	
I.	Identificação
II.	Objetivos e sua Relação com os Objetivos do Plano de Curso
III.	Tema (Conteúdo Programático). Bibliografia
IV.	Estratégias
V.	Avaliação do Desempenho do Aluno, do Professor e da Programação Oferecida

Vejamos cada uma das partes do roteiro. Em primeiro lugar, sob forma de cabeçalho, coloca-se a identificação do plano. Este item pode parecer óbvio e até dispensável. Entretanto, se lembrarmos que uma das funções do plano de ensino é a de servir como um instrumento de comunicação, perceberemos mais facilmente que esta identificação inicial tem o papel de tornar mais rápida e mais fluente a comunicação entre emissor, que no caso é o professor, e receptor(es), isto é, alunos ou outros professores. A identificação torna possível, também, que o plano de disciplina seja um documen-

to a ser consultado no futuro, evitando aquele coçar de cabeça e aquela pergunta freqüente: "Como é que era mesmo?" Por outro lado, uma análise conjugada das outras partes do plano com os dados oferecidos no item da identificação permite um julgamento sobre a adequação de suas decisões. Por exemplo, pode-se verificar a adequação entre número de alunos e estratégias de aula, ou entre duração do curso e extensão do conteúdo.

Como exemplo de itens importantes para identificação, relacionamos os seguintes:

Nome da disciplina: .....  
 Curso: .....  
 Faculdade: .....  
 Nome do Professor: .....  
 Semestre e ano a que o plano da disciplina se refere: .....

Em quantas classes será aplicado o plano, e quantos alunos possui cada classe: .....  
 Monitor (se houver disponibilidade deles): indicar quantos, seus nomes e qualificação.

Em segundo lugar, vêm os objetivos, a parte orientadora de todo o restante do plano. São os chamados objetivos educacionais, que devem dizer de forma clara qual a função daquela disciplina no conjunto do curso, para quais aprendizagens concorre, de que forma contribui para o aluno poder conseguir os objetivos propostos, o que se espera que os alunos tenham apreendido após estudarem aquela disciplina.

Em terceiro lugar, explicita-se qual o tema que será tratado. Cabe lembrar que o conteúdo é um dos elementos que deverão favorecer o alcance dos objetivos educacionais propostos para o aluno na parte anterior. Explicita-se, também, em quantas unidades este conteúdo será subdividido, qual o tema de cada unidade e sua duração aproximada. Cada uma dessas unidades, posteriormente, terá seu plano próprio. Pode-se citar, nesta altura, a bibliografia do curso, ou então fazê-lo em cada unidade.

Em quarto lugar, as estratégias estarão indicando os tipos de atividades que serão organizadas pelo professor, visando a que o aluno alcance os objetivos acima explicitados. Estas atividades serão mais detalhadas e especificadas em cada unidade.

Quanto à avaliação do desempenho do aluno no curso, explicita-se o que será feito para verificar se o aluno está realizando aquilo

que dele se esperava, qual a distribuição cronológica dessas atividades de avaliação (sua freqüência), como o professor expressará ao aluno os resultados da avaliação, que possibilidades terá o aluno de completar ou modificar resultados apresentados pelo professor, que atividades de recuperação serão oferecidas ao aluno que dela necessitar.

Este plano deverá prever também, ao menos uma vez por semestre, atividades que permitam *feedbacks* à programação oferecida e ao desempenho do professor.

## VI. Como Elaborar um Plano de Unidade?

Com as mesmas advertências feitas com relação ao roteiro de plano de disciplina, apresentamos abaixo um roteiro para a elaboração de um plano de unidade.

### Quadro II

#### Roteiro de Plano de Unidade

##### PLANO DE UNIDADE

- I. Identificação
- II. Objetivos
- III. Principais Conceitos. Bibliografia
- IV. Estratégias
- V. Avaliação

Para preencher a identificação sugerimos:

Disciplina: ..... Unidade: 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, etc.  
 Tema: ..... Duração: .....

Os objetivos da unidade deverão dizer claramente a que ponto da aprendizagem o aluno deve chegar ao fim daquela unidade, o que se espera que os alunos tenham apreendido após realizarem aquela unidade de trabalho.

No plano da unidade é muito útil fazer uma relação dos principais conceitos (e/ou princípios) com que o aluno deverá lidar durante a unidade, esclarecer se são novos ou já apareceram em unidades anteriores.

Quanto à bibliografia, especificar detalhadamente os textos a serem lidos na unidade, incluindo o número de páginas, bibliografia básica e complementar, etc.

A parte das estratégias deverá descrever as atividades organizadas pelo professor, para o aluno realizar dentro da sala de aula, e que facilitarão a consecução dos objetivos da unidade; quais serão as atividades que o aluno deverá realizar fora de classe (como, por exemplo, preparação para aula, síntese), e atendendo a quais objetivos da unidade.

A avaliação deverá esclarecer, em termos bastante concretos, o que se espera do aluno para considerar que cumpriu o proposto na unidade, o que será observado e analisado, através de que instrumentos, quem o fará, com que grau de frequência, com que grau de rigidez, para que se possa determinar se o aluno está ou não conseguindo alcançar os objetivos proposto na unidade, e que caminhos alternativos de recuperação pode seguir, se houver necessidade.

## VII. Em Conclusão

Como observação final, gostaríamos de repetir algo já colocado inicialmente, e que se justifica por sua importância.

Um esquema de plano de ensino não é um esquema a ser seguido rigidamente. O que apresentamos foi um roteiro, uma sugestão. Especialmente depois de o professor adquirir alguma prática, adaptações pessoais irão sendo feitas, atendendo às exigências próprias, bem como às da instituição.

Um plano de ensino também não é rígido num outro sentido, ou seja, uma vez tomadas as decisões, sendo estas colocadas em prática, a existência de um plano não significa que o professor não possa fazer adaptações. Esses ajustes, porém, são feitos cuidadosamente, à luz do plano pré-realizado, e só excepcionalmente se referem a partes essenciais, tais como os Objetivos.

É imprescindível, porém, que o professor se dedique a essa atividade de planejamento; inicialmente penosa, é essa atividade que vai, porém, dar ao professor informações sobre a eficácia de seu

trabalho e permitir que seja aperfeiçoado e renovado, além de permitir que se comunique com objetividade com seus alunos e com a comunidade universitária.

A elaboração de um plano de ensino eficiente baseia-se em conhecimentos, esforço, inspiração, dedicação e um pouco de sorte. Elaborar um plano pela primeira vez envolve gasto de muita energia e de muito tempo; o professor é forçado a encarar de frente decisões e julgamentos de valor que até então tinha evitado. Aos poucos, essa atividade é incorporada naturalmente ao trabalho do professor. O efeito da existência de um plano organizado e completo sobre a eficiência do ensino é percebida aos poucos no decorrer da prática do professor. Uma procura de resultados imediatos será, via de regra, frustrada. Aos poucos, planejar passa a fazer parte integrante da concepção de lecionar, e o professor percebe que não pode entrar numa sala de aula sem ter se decidido sobre vários itens.